

PAIS QUE ASSUMIRAM SOZINHOS OS CUIDADOS PARENTAIS DE SEUS FILHOS

2012

Marjane Bernardy Souza

Professora Adjunta do Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)-Campus Cachoeira do Sul, Mestre em Família e Sistemas Sociais pelo Instituto Altos Estudos Miguel Torga - Coimbra –Portugal. Especialista em Aconselhamento Familiar (PUC) e Especialista em Psicologia Jurídica (CFP) e Especialista em Psicologia do Trânsito (CFP).

marjanesouza@yahoo.com.br

Elisete T. Sanguinet

Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) – Campus Cachoeira do Sul.

elisete.sanguinet@gmail.com

RESUMO

A monoparentalidade masculina define-se quando o homem vive com os filhos. Atualmente, percebe-se que isso vem acontecendo com mais frequência, o que pode ser constatado frente às novas configurações familiares. Os objetivos do presente trabalho foram o de averiguar a percepção do homem quanto a sua responsabilidade como cuidador. Bem como, perceber como acontece o processo de organização das atividades entre os pais e os filhos e investigar a paternidade quanto ao envolvimento afetivo. Para concretizar esta pesquisa qualitativa, foi utilizada a entrevista semi-estruturada para obter os dados. Quatro pais que estão nessa situação, ou seja, que assumiram sozinhos os cuidados parentais de seus filhos participaram da pesquisa, concedendo entrevistas que foram transcritas seguindo o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2010). Concluiu-se que qualquer que seja a configuração estabelecida, o mais importante é a permanência do enlace emocional, fazendo com que o cuidado carinhoso seja constante. Foi possível perceber, que os pais exerceram a paternagem em todos os sentidos, assegurando para os filhos um grau de envolvimento afetivo capaz de estabelecer entre eles, um vínculo seguro.

Palavras-chave: Monoparentalidade, configurações familiares, vínculo paterno

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa apresenta o tema “Pais que assumiram sozinhos os cuidados parentais de seus filhos”. Considerando as novas configurações familiares e o alto índice de mulheres que assumem sozinhas seus filhos, julga-se importante um estudo sobre o outro lado, ou seja, investigar a percepção do homem na mesma condição.

Frente aos problemas trazidos pelas famílias, esse estudo buscou maiores esclarecimentos sobre a monoparentalidade, isto é, famílias onde um dos progenitores vive com os filhos e suas implicações, mais especificamente sobre o pai que atribui tais funções. Com o enfoque no homem que está nessa situação, essa pesquisa foi realizada com o levantamento de dados através da entrevista semi-estruturada, onde foi possível averiguar como esse sujeito, concilia questões voltadas à responsabilidade, organização e sensibilidade.

Há possibilidade do homem, hoje, viver uma situação inversa àquela em que foi criado, afirma Dantas e Féres-Carneiro (2010). Até algum tempo atrás, os relacionamentos entre pais e filhos eram marcados pelo distanciamento e por uma postura autoritária dos pais. Hoje, assiste-se a uma proximidade do contato, incentivando a demonstração de afeto e a participação ativa, durante o crescimento das crianças, estar-se-ia presenciando maior flexibilidade nos papéis paternos e maternos, que podem sair dos estereótipos rígidos e experimentar novas situações.

Ainda, segundo Dantas e Féres-Carneiro (2010), a família contemporânea apresenta-se multiforme e em permanente transformação. Ela vem-se reformulando, surgindo novas formas de relacionamentos. Inserida na sociedade, é sempre perpassada pelos valores morais, éticos, culturais, econômicos, sociais e políticos de sua época, o que se verifica com a questão de casamento e divórcio. Como a história da família não é linear, o percurso é repleto de rupturas e continuidades; assim, o que é inadmissível em um dado momento, posteriormente, pode ser aceito e absorvido pela sociedade. A modernidade inaugurou na família a possibilidade de relacionamentos mais íntimos e afetuosos; a seguir, a entrada das mulheres no mercado de trabalho as inseriu no domínio público, e hoje, homens e mulheres são provedores de seus lares, precisam conciliar os cuidados com os filhos e promover a reformulação nas suas funções.

Há hoje uma valorização da presença do pai na vida dos filhos, que sugere o aparecimento de nova concepção de paternidade, que incorpore valores distintos dos de gerações anteriores. Com a separação e o recasamento, outros arranjos familiares precisam ser feitos para garantir o bem-estar dos filhos. E a discussão da identidade masculina impõe-se em uma relação circular com a da paternidade, uma vez que as características do modelo tradicional de masculinidade são questionadas em prol de uma reformulação que a torne mais condizente com as demandas advindas tanto do movimento de emancipação feminina, quanto dos novos papéis na família para os quais o homem é requisitado, segundo Dantas e Féres-Carneiro (2010).

Considerando as novas configurações familiares, julga-se importante investigar a percepção do homem que assume sozinho seus filhos. Com isso, pode haver importante contribuição com essa pesquisa, já que o homem passa de simples provedor para também cuidador. Isso influencia diretamente as mudanças sociais, fazendo com que seja bastante relevante um maior entendimento sobre o sujeito nessa situação.

METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa com metodologia qualitativa, possibilitando interpretar como o indivíduo percebe o mundo que o cerca, conforme Lopes, Mendes e Fracoli (2008). A pesquisa qualitativa em seus relatos, depoimentos e documentos institucionais, individuais ou de caráter biográfico, possibilita, de acordo com Santos, (2009), compreender o sujeito da pesquisa, focando seu papel específico e suas relações sociais, dentro do contexto ao qual faz parte.

Trata-se de uma pesquisa exploratória, que segundo Gil (2007) tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

Após passar pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Luterana do Brasil, foram entrevistados, quatro homens, que se encontram na situação de pais que assumiram sozinho seus filhos. São homens separados, com idade entre 30 e 45 anos. A essa situação denomina-se famílias monoparentais, como diz Relvas (2000), onde são famílias com apenas um dos progenitores, o pai ou a mãe que vive só com os seus filhos.

Foi aplicada, como instrumento, a entrevista semi-estruturada, que segundo Cunha (2000), possibilita ao entrevistador a obtenção de informações necessárias, para que o mesmo possa atingir seus objetivos, de forma padronizada, aumentando com isso, um resultado confiável e fidedigno. A entrevista constou de questões elaboradas pelas pesquisadoras, que foram gravadas com a autorização e transcritas para uma melhor análise, pois conforme Oliveira (2007) a gravação é um procedimento muito importante para ter a precisão de tudo o que foi dito naquele momento.

Para a análise dos dados, foi utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2010), que é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Os conteúdos coletados foram categorizados logo após o recorte das informações obtidas nas entrevistas.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente estudo teve como objetivo o de averiguar como os pais que assumiram sozinho seus filhos, conseguem conciliar: responsabilidades, organização e sensibilidade, investigando assim, o grau de envolvimento afetivo, frente às possíveis adversidades.

O Pai 1 (P1) tem 45 anos e duas filhas, gêmeas, hoje com 19 anos. Assumiu as meninas, quando as mesmas estavam com 4 anos. Casou novamente, quando as filhas tinham 9 anos. Hoje, vive com a esposa e as filhas. Há aproximadamente 1 ano, a ex mulher começou a procurar as filhas.

O Pai 2 (P2) tem 36 anos, três filhos com 6, 10 e 12 anos. Filhos da mesma mãe, de quem está separado há 2 anos e meio. Hoje tem um novo relacionamento. Ficou estipulado que a ex esposa deveria pegar as crianças nas quintas feiras, o que acontece muito raramente.

O Pai 3 (P3) está com 43 anos. Teve um único filho, hoje com 12 anos. Assumiu o menino, quando este estava com 4 anos. Atualmente, o filho está no exterior, onde foi passar um período de 6 meses com a mãe, que casou novamente. No final deste ano, o menino volta para casa. Durante esse tempo, pai e filho se visitam mensalmente. O P3 permanece “solteiro”.

O Pai 4 (P4) está com 30 anos, tem um casal de filhos, o menino com 2 anos e a menina com 4 anos. Filhos de mães diferentes. A menina é fruto de um relacionamento casual. O pai ficou sabendo da gravidez no último mês de gestação. Após o exame de DNA, assumiu a paternidade e os cuidados da filha. Atualmente mora com a filha e uma companheira, com quem está junto há 2 anos. O filho é de um namoro que durou pouco tempo. O menino mora com a mãe. Segundo o pai, essa foi uma gravidez independente. A mãe do menino comunicou que estava grávida e que estaria preparada para assumir o filho, caso ele optasse por não reconhecer a paternidade. O relacionamento entre eles é tranquilo e o menino fica os finais de semana com o pai, que faz questão de levá-lo para a escola diariamente. O mesmo não acontece com a filha, que esporadicamente vai visitar a mãe e quando volta apresenta sinais de poucos cuidados. Além das roupas trocadas por outras mais velhas, usa termos verbais pouco adequados. A postura da mãe o preocupa.

Quando perguntado ao P1 de sua reação quando soube que seria pai, a resposta foi de que ele e sua esposa ficaram muito felizes. Assustaram-se um pouco quando souberam que seriam gêmeas. O P2 disse que, embora tenha levado um susto, considerando que o relacionamento com a namorada era de 4 meses, desde o primeiro instante estava consciente de que sua responsabilidade iria aumentar. O P3 reconhece que a esposa não se sentia em condições psicológicas para ser mãe, mas que por insistência dele, ela acabou engravidando. O casal se separou 1 ano depois do nascimento do filho. Ele pulou de alegria quando soube que seria pai. O

P4 diz que apesar de ter levado um susto, já que sua filha é fruto de um relacionamento casual, não se limitou apenas a pagar uma pensão, quando recebeu o resultado do DNA. Soube no momento em que o bebê foi entregue em seus braços, que não estava mais sozinho e que, portanto, havia chegado a hora de reestruturar sua vida, optando por se tornar um pai, propriamente dito.

Nos quatro casos, percebe-se que os pais sempre participaram dos cuidados básicos dos filhos, mesmo antes da separação. Percebe-se também, uma ausência parcial ou total das mães, fazendo com que se configurasse desde o início, uma participação ativa dos pais, com relação ao envolvimento com os filhos. Talvez por isso, enfrentar todas as adversidades, não foi visto como um sacrifício, mas sim como um aprendizado, com base no diálogo, na proteção, na confiança e principalmente, no amor paternal.

CATEGORIAS RESULTADAS DAS ENTREVISTAS

As entrevistas semi-estruturadas resultaram em categorias, que possibilitaram a análise de conteúdo. Através dos dados obtidos com as entrevistas, foi possível classificar quatro categorias como: O modelo de pai que evitou seguir; Os medos quanto à educação; Recursos utilizados para a organização familiar; A proximidade com os filhos.

O modelo de pai que evitou seguir

Considerando que muitas vezes nossos comportamentos estão pautados em modelos a serem seguidos, foi relevante investigarmos se os pais desse estudo espelharam-se nos seus próprios pais. A resposta que obtivemos nos quatro casos, foi totalmente contrária, criando com isso, essa primeira categoria.

Os pais entrevistados manifestaram uma insatisfação com relação ao pouco ou nenhum envolvimento afetivo, por parte de seus pais. Nos quatro casos, houve uma insatisfação com a postura paterna, o que impossibilitou estabelecer um vínculo afetivo.

Nessa categoria percebe-se que os pais entrevistados, foram filhos ou que tiveram pais apenas provedores ou que tiveram pais totalmente ausentes. Isso fica evidente nas falas do P1 *“Meu pai sempre foi aquela pessoa mais afastada, claro, cumpria com as obrigações dele, mas não era presente.”*, do P2 que diz *“Não tinha aquela, vamos dizer assim, afetividade como se exige hoje de um pai, um pai mais presente. O modelo que eu tive de pai, foi muito ausente.”*, na fala do P3 que relata *“Não fui criado pelo meu pai. Fui criado pelos meus avós.”* e o P4 onde diz *“Com o perfil de pai que eu tive, eu tento ser um pai totalmente diferente. Lá em casa, o “pau comia” de cima a baixo, a ordem era a chinelada, a cintada e ficar quieto num canto.”*

O modelo patriarcal de família está em decadência, propiciando novas concepções de papéis sociais e criando espaços para que sejam estabelecidas diferentes formas de relação, como diz Perucchi e Beirão (2007) a paternidade deve estar vinculada à participação efetiva na educação dos filhos, sobretudo no âmbito da afetividade.

O modelo patriarcal, onde limita ao pai o papel de provedor, vem ao longo das épocas, dando espaço às atitudes de maior envolvimento e contato afetivo com os filhos, fazendo segundo a concepção de Souza e Benette (2009), com que esses novos modelos de pai, possam ser considerados tão capazes quanto às mães, na educação da prole.

Mediante o novo conceito de pai, a paternidade é considerada uma oportunidade de ativa participação no cuidado dos filhos, facilitando ao homem condições de expressar seus sentimentos. Bustamante (2005) cita Bastos, quando afirma que é preciso pensar formas de incluir os homens em papéis que incorporem além da preocupação em manter a figura de provedor, também sentimentos, vivências e percepções masculinas.

Quando busca uma definição operacional da vida familiar, Fonseca (2005) diz que laço familiar é uma relação marcada por direitos e obrigações delegados às pessoas envolvidas. Salienta que as relações estabelecidas, são permeadas por diferentes etapas de uma troca mútua, numa reciprocidade em longo prazo.

Independente do modelo familiar configurado, Gabardo, Junges e Selli, (2009) se valem de um conceito primordial onde o importante é que os membros nela inseridos, sejam pessoas que se ajudem mutuamente, em prol da paz e do viver bem, nomeando assim, uma família saudável.

Ser pai implica em envolver-se, através de seus conhecimentos e habilidades, de forma afetiva, nos cuidados com o filho, diz Pontes, Alexandrino e Osório (2009). O que nos dias atuais, ainda não é uma tarefa fácil, considerando que o homem vive sob a égide do poder sociocultural do patriarcado. Tanto os homens quanto as mulheres, dividem seu tempo entre o trabalho fora de casa e os cuidados destinados aos filhos.

Com as entrevistas, foi possível perceber que os pais estão mais interessados em participar ativamente da vida de seus filhos, o que implica não apenas o papel de provedor, mas, sobretudo, o papel de cuidador. Os pais entrevistados demonstram isso quando verbalizam: P1 *“Vou ficar longe das minhas filhas, não vou ver elas crescerem, eu não vou ver nada. Então, disso que eu acho que muito de eu ter assumido, seria muito simples ir embora e mandar uma pensão.”* O P2 reforça com o relato: *“O modelo que eu tive de pai, era uma criação machista. Então, filho era só companheiro do pai para pescaria, caçada ou futebol. Não tinha aquela, vamos dizer assim, afetividade como se exige hoje de um pai, um pai mais presente.”* O P3 quando afirma: *“O grande medo que eu tive sobre ser pai, foi referente aos meus pais, ou seja, não ser um pai como meu pai foi para mim.”* E o P4 que salienta: *“Com o perfil de pai que eu tive, eu tento ser um pai totalmente diferente.”*

Nos quatro casos, fica evidente a vontade de exercer a paternidade, não só cumprindo a função de provedor, mas, principalmente, se mostrando um colaborador efetivo nas relações de afetividade. Tiba (2009, p. 77), diz “A performance de pai agora se amplia bastante, pois ele pode dar a mamadeira, ajudar a arrotar, trocar fraldas, dar banhos e participar de muitas outras formas do desenvolvimento do seu filho.”

Felizmente, a genética não determina, por si só, o comportamento humano. Existe o livre arbítrio, a capacidade de raciocínio, ou seja, possibilidades de aprendizado que direcionam as escolhas da vida. Esses pais fizeram a sua escolha, a de vivenciar a paternidade.

Os medos quanto à educação

Nos quatro casos, quando perguntado quais os medos com relação ao desempenho como pai, os pais demonstram preocupação com relação às influências externas, como por exemplo, o acesso fácil à internet, ao uso de drogas, às companhias, entre outras coisas. A preocupação fica evidente quando o P1 diz “*Seria o medo na fase da adolescência, na dificuldade que qualquer pai tem hoje em dia, tanto se for o pai sozinho, como o casal, com relação às drogas, com relação a várias coisas hoje que estão ao alcance dos filhos, tem que ter um cuidado muito grande com namoro, gravidez, drogas.*” O Pai 2 salienta sua preocupação quando relata “*A maior dificuldade de educar um filho hoje em dia, não é tu dar educação para os filhos e nem te preocupar se ele está te escutando ou não. Escutar, eles escutam, tem bastante clareza quanto às informações que eu passo para eles, a minha maior preocupação é com relação às influências externas.*” O Pai 3 traz sua preocupação quando diz: “*A maior dificuldade em relação ao meu filho, eu estou começando a sentir agora que ele está passando para a adolescência. Eu me preocupo com as drogas, entro na internet, faço ele ler comigo, me preocupo com as mudanças, a criança fora de casa é outra pessoa.*” No desabafo do Pai 4, fica ainda mais evidente essa preocupação, onde o mesmo relata que “*A dificuldade em criar um filho hoje, é o acesso à informação, eles tem muita facilidade. Às vezes, tu acha que vai explicar alguma coisa e eles já sabem daquilo na tua frente, a televisão já veio com uma notícia. Os desenhos que são exibidos são baseados em violência, em guerra, em chute, em tapa, morte e sangue. Os desenhos de hoje, não fazem a criança rir, passam uma onde de violência e isso é muito complicado. Tu vê outdoor onde tem meninas com a metade do bumbum de fora, onde acaba explorando a sexualidade, criando problemas de conduta. A sociedade prega que é bonito, é normal, depois acontecem casos de meninas de 10, 12 anos engravidando, ou seja, uma criança com outra criança no colo. Eu acho que todo pai e mãe conscientes estão preocupados com isso.*”

Tem um ditado popular que diz: “filhos criados trabalho dobrado”. Pode-se relacionar o ditado, ao fato de que o crescimento e desenvolvimento de um filho implicam em um aumento expressivo na rede social do mesmo. Sendo assim, conviver com outros grupos como a escola, por exemplo, é conhecer novos costumes, é compartilhar ideias, enfim, é influenciar e ser

influenciado nas relações estabelecidas. Baseado nisso, é compreensível a preocupação dos pais entrevistados, com as influências externas.

O desenvolvimento infantil, segundo Kobarg e Vieira (2008) situa-se numa dinâmica onde as crenças e práticas dos cuidadores parentais, transformarão e serão transformadas pelo ambiente físico e social.

Julga-se importante, espaços como a família e a escola, para promover discussões voltadas à construção de um lugar social para a paternidade. Para isso, Perosa e Pedro (2009), citam questões como sexualidade e o envolvimento com a reprodução, tanto para a mulher quanto para o homem, enfatizando maternidade e paternidade com igual importância no contexto familiar. Completam, dizendo que, faz-se necessário um repensar sobre o papel do homem frente à família, com o objetivo de comprometê-lo e envolvê-lo no âmbito das relações afetivas.

Conforme Tiba (2009), um dos antigos e grandes problemas do filho único era a solidão por não ter com quem brincar, jogar, brigar. Atualmente, esse tempo é gasto com a internet para conversar, trocar ideias, jogar, marcar programas e outras atividades. É a comunidade de seus amigos virtuais. Temos uma vantagem do avanço tecnológico, mas se a família não souber usar, pode ser desastroso.

As situações interpessoais podem ocorrer em diversos contextos, como, por exemplo: o familiar, o de lazer, o escolar e o profissional. Em cada contexto esperam-se determinados desempenhos, que, por sua vez, exigem um amplo repertório de habilidades sociais do indivíduo. A infância é um período decisivo para o aprendizado de habilidades sociais como diz Cia (2006) e por isso o contexto familiar, o envolvimento e o desempenho dos pais são fundamentais para o estabelecimento de relações educativas que efetivamente promovam o desenvolvimento social dos filhos. Conforme os autores, o termo habilidades sociais refere-se ao conjunto de classes e subclasses comportamentais que o indivíduo apresenta para atender às diversas demandas das situações interpessoais.

Alguns transtornos do desenvolvimento, como problemas emocionais, níveis menos elevados de desenvolvimento cognitivo, abuso de drogas, transtornos de conduta, gravidez na adolescência, entre outros, segundo Falceto (2008) estão associados à ausência total ou relativa da figura paterna durante a infância. Felizmente, o desejo do pai em participar das atividades de envolvimento afetivo com os filhos, tornou-se mais freqüente, como salienta a autora.

Os teóricos da psicologia reconhecem a importância da relação dos pais com seus filhos, no desenvolvimento da capacidade de lidar com situações adversas na vida adulta, conforme Hauck (2006), priorizando a contribuição do comportamento afetivo dos pais, o que possibilitará o estabelecimento de vínculos saudáveis.

Recursos utilizados para a organização familiar

Nessa categoria, é possível perceber que assumir a responsabilidade sobre um filho, implica em muitas vezes ter que abrir mão de projetos, que antes priorizava a si próprio. Literalmente, o “eu” passa a ser deixado em segundo plano, principalmente, quando os filhos ainda são crianças. O que não elimina a necessidade de procurar ajuda de terceiros, seja um parente, um amigo ou um profissional, que possa dar o suporte para que possam ser sanadas todas as implicações com o cuidado. Também se percebe que frente a uma mudança, no caso a mudança na estrutura familiar, faz-se necessário pensar estratégias que viabilizem esse convívio. As verbalizações dos entrevistados exemplificam a sua rotina. O P1 relata como fez com o trabalho e o cuidado com as gêmeas, quando diz: *“Como eu tinha um armazém que ficava junto com a casa, eu levantava bem cedo, deixava o cafezinho delas organizado. Depois, elas levantavam. Elas tinham 4 anos, não estudavam ainda, aí eu ia lá, botava uma roupinha, alguém ficava cuidando o armazém para mim, um vizinho. Eu ia lá, dava o cafezinho para elas e depois, ficavam ali, brincando dentro de casa, ou comigo ali na frente. Depois elas iam ao colégio, levantavam cedo, eu arrumava elas, levava para o colégio. Meio dia, sempre tinha uma vizinha que ia buscar as filhas dela e já trazia as minhas junto. E de tarde, elas ficavam comigo, o almoço geralmente eu fazia à noite, meio dia esquentava a comida. A roupa, tinha máquina, quando dava eu ia lavando e realmente tinha que manter, organizar uma rotina, ser independente, levantar cedo, arrumar tudo, sempre participando.”* O Pai 2 lembra que precisou fazer algumas mudanças, quanto à escola dos filhos, para que facilitasse o dia a dia: *“Bom, primeiro passo que eu fiz, foi a transferência dos meus filhos, das escolas em que eles estudavam. O J eu trouxe para uma creche perto de onde eu morava. As gurias também, para uma escola mais próxima, mais centralizada. Eu contratei uma Van para elas, então a Van passava no apartamento que nós morávamos, vinte para sete e elas iam para a escola. Logo após que elas iam, eu já ficava fazendo alguma coisa no apartamento, ou fazia um bolo, ou lavava uma louça, ou fazia uma mamadeira para o J. Levava ele para a creche, até as 8 horas eu tinha que deixá-lo na creche. E o J, eu buscava ele até as 18h30min, de segunda à sexta sempre assim. As gurias iam de Van como eu falei, voltavam da escola 12h30min. Quando elas chegavam, eu contratei uma senhora, essa senhora chegava às 10h da manhã. Cuidava do apartamento, limpava vamos dizer, os cômodos, esperava as gurias com comida pronta e ficava com elas até as 5h da tarde, até a hora que eu chegasse para ir buscar o J. Então, isso que eu adotei, fui bem prático.”* Na fala do Pai 3, percebe-se que a estratégia foi estipular tarefas com o objetivo de haver ajuda mútua entre pai e filho, quando diz: *“Sobre a rotina de casa, desde os 4 anos meu filho mora só comigo, então, nos acostumamos, ele brinca comigo e diz: “Pai isso aqui parece um quartel.” Porque nós temos aquelas regrinhas básicas, por exemplo, chegou do colégio tem três coisas para fazer: comer, tomar banho e fazer a lição. Depois disso, está liberado para brincar, jogar no computador, então, nossa rotina é bem certa. Na hora de comer, cada um limpa o que sujou, os tênis ele deixa na área de serviço, enfim, eu*

arrei uma rotina nossa, onde cada coisa tem seu jeito de fazer. A gente entrou em sintonia e não temos problemas dentro de casa, cada um sabe o que tem que fazer. Quando eu vou para Santa Maria, ele fica sozinho pela manhã, ao meio dia vai almoçar com o avô dele e dorme lá. No outro dia eu passo e o pego. Quanto à nossa organização em casa, ele está super acostumado, isso é bem tranquilo.” Já o Pai 4, decidiu reservar um espaço no local de trabalho, para que pudesse ter a filha sobre os seus cuidados. Ele conta: “Quanto à rotina, o jeito foi juntar tudo, não tinha outro jeito. Eu trazia a V para a loja, para conseguir trabalhar. Coloquei o bercinho aqui no fundo, um ou outro dava uma reparada. Na maior parte, eu morei sozinho cuidando dela. Depois que ela dormia, eu limpava e arrumava a casa, cuidava do trabalho, enfim, bastante cansativo, mas é possível.”

É identificado por Biasoli-Alves (2005), uma evolução na forma dos pais observarem o que se passa no cotidiano de sua casa e na vida das crianças e suas relações com as práticas de educação que eles vêm utilizando, bem como a constatação de que as crianças estão se desenvolvendo. Conforme a autora, os pais passaram a manifestar mais segurança quanto a sua forma de lidar com o filho e um relacionamento menos tenso com ele, ainda que mantendo os cuidados necessários com sua saúde e bem-estar, aparecendo como consequência maior satisfação com seu papel parental. A assimilação e aplicação dos princípios do desenvolvimento, associadas às idéias de prevenção e promoção, transformam as expectativas parentais e também todo o processo de atuação frente ao filho.

A rotina das famílias, conforme Silva (2010), tem se revelado uma estratégia interessante que permite conhecer não apenas seu funcionamento, mas também o desenvolvimento de seus membros. Deste modo, o interesse científico pelas rotinas familiares é grande e seus achados têm permitido não apenas estabelecer definições básicas na área de família, mas também têm ratificado o impacto da rotina na organização do subsistema familiar e, em termos mais gerais, no desenvolvimento humano.

É proposto por Amazonas (2006), uma discussão sobre o impacto cultural e subjetivo provocado pelas novas formas de parentalidade, promovidas a partir das mudanças na família e nos papéis parentais e de gênero masculino e feminino, do controle sobre a procriação, das novas biotecnologias, e outros fatores, assim como suas repercussões sobre o grupo familiar e os processos de subjetivação. Reforça ainda, que a adaptação a essas novas estruturas parentais está em curso e, decerto, prosseguirá. Ainda que aqui e ali encontremos reações, freios, desigualdades de ritmo, esse é um processo, provavelmente, irreversível. Podemos nos posicionar a favor ou de modo discriminatório. No entanto, das posições adotadas dependerá o futuro das nossas crianças. Nosso interesse é colocar em discussão as possibilidades de posicionamento diante dessas mudanças no exercício da parentalidade.

A proximidade com os filhos

Nessa categoria pode ser constatado que os pais citados são provedores, mas, acima de tudo cuidadores no real sentido da palavra. Isso ficou evidente nos relatos onde salientam a importância do vínculo afetivo, para que se efetive a relação pai/filho, quando o P1 diz: *“Quando eu me separei da minha esposa, no primeiro momento, ela levou minhas filhas. Mas depois, ela foi viajar para Porto Alegre e deixou as minhas filhas com a mãe dela, então, já que as minhas filhas ficaram com a mãe dela, por que não poderiam ficar comigo, se eu sempre fui um pai presente. Então, disse que eu acho que muito de eu ter assumido.”* A preocupação em manter o contato afetivo com os filhos é demonstrado pelo P2, quando diz: *“Eu sempre procurei dar o máximo de mim, sempre foi assim. Tanto que eu mesmo estando casado, do relacionamento que eu tive os três filhos, com os quais eu vivo hoje, então, eu sempre me preocupei independente do primeiro, do segundo ou do terceiro filho, sempre me preocupei em estar presente e dar o máximo de mim. Então, eu sempre troquei fralda, sempre fiz mamadeira.”* Essa proximidade é percebida quando o Pai 3 relata: *“Nos três primeiros meses ele teve cólica e eu, passava as noites em claro com ele no colo, para cima e para baixo. Ele dormia só de manhã, dormia em cima da minha barriga. Então, ali eu realmente me senti pai, eu tinha uma família. Eu abduquei de muita coisa, abduquei de dormir, para estar ali junto, cuidando daquela criança. Então, foi nesse momento, nos três primeiros meses, naquela parte mais difícil, que eu senti realmente que eu era um pai mesmo.”* O P4 reforça que o afeto, beneficia os dois lados da relação quando verbaliza: *“A questão de se perceber como pai, é o primeiro olhar, onde tu bate o olho e se apaixona, é algo involuntário. Principalmente a V, que foi a minha primeira filha, tu começa a perceber os detalhes, o queixo, o olho, a mãozinha, a primeira risada. Eu chego cansado e ela está lá a mil, isso dá um ar novo, uma coragem para enfrentar a vida de uma forma diferente, porque tu te questiona: “Eu não acredito que estou esquentando por tão pouco, tendo tanto aqui do meu lado”. Tu começa a ter uma percepção, que só pai ou mãe para entender isso. É uma descoberta nova todo dia, tu chega em casa é uma função nova, uma brincadeira diferente, uma historinha que vem contar. Eles entendem e sentem quando tu não está bem, é impressionante, tu não precisa falar nada, eles vem para tua volta e fazem tu deitar no colo, com 4 anos. Então, é a mesma coisa que colocar pilha nova e estar pronto de novo.”*

Frente aos relatos, comprova-se que quando existe o comprometimento de fato, nada é visto como um sacrifício, mas, como um aprendizado que se faz necessário para que se possa chegar a uma adaptação junto ao novo. Em todos os casos, comprometimento foi sinônimo de amor, o que fez com que os pais entrevistados possam ser citados, segundo Tiba (2009), como pais de alta performance, já que os mesmos se desenvolveram para a paternidade e não se colocaram à margem da educação dos seus filhos.

As práticas educativas parentais segundo Grzybowski e Wagner (2010), referem-se às estratégias utilizadas pelos pais para atingir objetivos específicos em diferentes domínios

(acadêmico, social, afetivo) sob determinadas circunstâncias e contextos. As autoras argumentam que essas práticas visam orientar o comportamento dos filhos no sentido de fazer com que eles adquiram certos comportamentos e, também, para suprimir ou reduzir outros comportamentos considerados socialmente inadequados ou desfavoráveis.

A capacidade para a formação de laços emocionais de acordo com Salienta Mota e Matos (2009), constitui um elemento de extrema relevância para o desenvolvimento e funcionamento psicológico, procurando contribuir para a compreensão das perturbações psicológicas que têm por base a dissolução ou ruptura indesejada dos laços afetivos. Conforme as autoras citadas, a qualidade do funcionamento familiar torna possível a construção de sentimentos de competência e valor, contribuindo para o desenvolvimento de uma auto-estima positiva.

A sociedade tem para Arruda e Marcon (2007), na família, uma das entidades mais relevantes e significativas e que está sofrendo transição no que tange o sentimento de maternagem e paternagem. É exigido tanto da mãe quanto do pai, mudanças e adaptações para receber um novo ser. E tais mudanças implicam conflitos emocionais, que marcam e norteiam o desenvolvimento familiar. A família atualmente está entre as mais estudadas, em decorrência, por exemplo, de sua importância para o cultivo de valores e crenças que contribuem para a formação dos membros que a constituem. As experiências vivenciadas nessa organização social contemplam um viver e conviver de singularidades que, quando somadas, retratam sua força, limites e enfrentamentos.

Ao falar da família, o mais adequado seria nos referir a uma trans-historicidade do laço familiar, ao invés de uma "eternidade" da família. Nunca existiu "a família" e, hoje, principalmente, o que há são "famílias". As transições ocorridas nos âmbitos cultural, econômico, político e social têm afetado essa instituição de uma forma, talvez, jamais vista na História. Entre elas, elencamos: as mudanças demográficas, em especial a maior longevidade humana; a participação crescente da mulher no mercado de trabalho; o divórcio e as organizações familiares distintas da família nuclear tradicional; o controle sobre a procriação a partir dos anticonceptivos; as transformações ocorridas nos papéis parentais e de gênero (Amazonas, 2006).

Estudos de intervenção com famílias separadas têm mostrado que a promoção de habilidades de comunicação, de consistência na disciplina e de interações positivas entre pais e filhos pode contribuir para a redução de problemas de comportamento e proporcionar relações mais satisfatórias, conforme Boas and Bolsoni-Silva (2010).

A afetividade, traduzida no respeito de cada um por si e por todos os membros – a fim de que a família seja respeitada em sua dignidade e honorabilidade perante o corpo social – é, sem dúvida alguma, uma das maiores características da família atual. Assim, diz Pereira and Silva (2006), a família não deve mais ser entendida como uma relação de poder, ou de dominação, mas como uma relação afetiva, o que significa dar a devida atenção às necessidades manifestas pelos

filhos em termos, justamente, de afeto e proteção. Os laços de afeto e de solidariedade derivam da convivência e não somente do sangue.

A família em sua complexidade, de acordo com Macedo e Monteiro, (2006) dá início ao processo de formação da personalidade do indivíduo, consolidando o caráter e estabelecendo normas éticas. É importante que haja, sempre que necessário, uma redimensão na postura de cada membro integrante, frente às adversidades para que juntos possam buscar a superação em prol do equilíbrio emocional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição familiar está sofrendo transformações, surgindo com isso, novas configurações familiares. Sendo assim, é imprescindível uma reavaliação dos papéis funcionais. Os homens assumirem seus filhos, tanto no sentido de prover, como no de cuidar, já é uma realidade.

Essa pesquisa mostra que cada vez mais, se torna frequente a monoparentalidade, ou seja, famílias onde um dos progenitores vive com os filhos, nesse caso, especificamente a monoparentalidade masculina. Muito embora, ainda precise haver um maior reconhecimento com relação à capacidade que o homem tem de assumir os cuidados com seus filhos, viu-se pais totalmente envolvidos com os mesmos, exercendo assim, a paternagem.

Estando a entidade familiar vivenciando uma transição, as novas estruturas parentais devem ser encaradas como um processo irreversível. Sendo assim, exercer a paternagem, não pode mais ser considerado apenas como cumprir com a obrigação de assegurar condições básicas de sobrevivência, mas, sobretudo, envolver-se emocionalmente com o filho, estabelecendo assim, o vínculo seguro. Por vínculo seguro, entende-se um forte enlace emocional com os pais durante a infância, o que vem a ser crucial para o desenvolvimento do filho.

As novas configurações familiares resultam de rupturas emocionais, implicando mudanças que norteiam o desenvolvimento familiar. Dentro do possível, essas mudanças devem ocorrer de maneira que o vínculo entre pais e filhos não seja afetado. Desfaz-se a relação homem/mulher, mas a relação pai e filho é para sempre.

Quando os laços se rompem, alguém deve proporcionar o cuidado carinhoso constante. O presente estudo teve como objetivo o de averiguar como o pai que assumiu sozinho seus filhos, consegue conciliar responsabilidade, organização e sensibilidade, investigando assim, o grau de envolvimento afetivo, frente às possíveis adversidades.

Como resultados, constatamos que os quatro pais puderam contar com ajuda de pessoas da família, como por exemplo, os avós e tios. Também com ajuda de profissionais, como diaristas que ajudaram nas tarefas domésticas e com motoristas que encaminharam os filhos até a escola,

bem como de vizinhos, que eventualmente, colaboraram de alguma maneira, estabelecendo assim, o aumento na rede social de apoio à criança.

Dentre as estratégias utilizadas, apareceram juntar casa e trabalho; modificar o roteiro das viagens a trabalho, de modo que estivesse diariamente em casa; estipular tarefas para que facilitasse a rotina diária. Quanto à responsabilidade, em todos os casos ficou evidente a conscientização de que toda e qualquer ajuda viria para assessorar, jamais substituir a função de pai cuidador, portanto, o maior responsável pelo filho.

No que diz respeito à sensibilidade, foi unânime a demonstração de que ser pai está vinculado a se sentir pai, sendo assim, ser pai implica em participar ativamente da vida dos filhos, se comprometendo de fato, com tudo que diz respeito a eles. Especificamente, esses pais foram sensíveis ao perceber que não bastava assegurar o bem estar físico, mas também, assegurar o bem estar emocional de seus filhos. E por essa razão, optaram por não deixar escapar a oportunidade de ativa participação no cuidado dos mesmos, facilitando com isso condições de expressar seus sentimentos e só assim, estabelecer o vínculo saudável.

Foi possível observar, que o homem está de certa forma, se adaptando às exigências da sociedade, no que diz respeito à sua postura na função de pai. E como resultado disso, percebe-se uma satisfação com a paternidade.

Entende-se que muito ainda precisa ser discutido, considerando que a monoparentalidade masculina é um fenômeno pouco estudado. Sugere-se a sequência deste estudo, inserindo questões como a necessidade de adaptações sociais para que os pais nessa situação se sintam mais acolhidos. Discussões a respeito da capacidade que o homem tem de atribuir funções que vão além de um simples provedor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida and BRAGA, Maria da Graça Reis
Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. *Ágora (Rio J.)*, Dez 2006, vol.9, no.2, p.177-191. ISSN 1516-1498

ARRUDA, Débora Cristina de and MARCON, Sonia Silva **A família em expansão: experienciando intercorrências na gestação e no parto do bebê prematuro com muito baixo peso.** *Texto contexto - enferm.*, Mar 2007, vol.16, no.1, p.120-128. ISSN 0104-0707

BARDIN, Laurence (2010) **Análise de Conteúdo.** Lisboa/Portugal: Edições 70.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. **Orientação de pais: partilhar conhecimentos sobre desenvolvimento e práticas de educação como estratégia de intervenção.** *Texto contexto - enferm.*, 2005, vol.14, no.spe, p.64-70. ISSN 0104-0707

BOAS, Ana Carolina Villares Barral Villas and BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini
Habilidades sociais educativas de mães separadas e sua relação com o comportamento de pré-escolares. *Psico-USF (Impr.)*, Dez 2010, vol.15, no.3, p.301-310. ISSN 1413-8271

BUSTAMANTE, Vânia. **Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares.** *Cad. Saúde Pública*, Dez 2005, vol.21, no.6, p.1865-1874. ISSN 0102-311X. Acesso em 27 de junho de 2010 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000600036&lng=pt&nrm=iso

CIA, Fabiana et al. **Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho.** *Psicol. estud.*, Abr 2006, vol.11, no.1, p.73-81. ISSN 1413-7372

DANTAS, Cristina, JABLONSKI, Bernardo and FÉRES-CARNEIRO, Terezinha
Paternalidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Dez 2004, vol.14, no.29, p.347-357. ISSN 0103-863X. Acesso em 27 de junho e 7 de novembro de 2010 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000300010&lng=pt&nrm=iso

FALCETO, Olga G et al. **Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactente.** *Rev. Saúde Pública*, Dez 2008, vol.42, no.6, p.1034-1040. ISSN 0034-8910. Acesso em 24 de maio de 2010, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000600009&lng=pt&nrm=iso

FONSECA, Claudia. **Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica.** *Saude soc.*, Ago 2005, vol.14, no.2, p.50-59. ISSN 0104-1290. Acesso em 26 de junho de 2010, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902005000200006&lng=pt&nrm=iso

GABARDO, Roseclér Machado, JUNGES, José Roque and SELLI, Lucilda **Arranjos familiares e implicações à saúde na visão dos profissionais do Programa Saúde da Família.** *Rev. Saúde Pública*, Fev 2009, vol.43, no.1, p.91-97. ISSN 0034-8910. Acesso em 27 de junho de 2010, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102009000100012&lng=pt&nrm=iso

GIL, A. C.. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas. 2007.

GRZYBOWSKI, Luciana Suárez and WAGNER, Adriana **O envolvimento parental após a separação/divórcio.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 2010, vol.23, no.2, p.289-298. ISSN 0102-7972

HAUCK, Simone et al. **Adaptação transcultural para o português brasileiro do Parental Bonding Instrument (PBI).** *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul*, Ago 2006, vol.28, no.2, p.162-168. ISSN 0101-8108. Acesso em 26 de maio de 2010 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082006000200008&lng=pt&nrm=iso

KOBARG, Ana Paula Ribeiro and VIEIRA, Mauro Luis **Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 2008, vol.21, no.3, p.401-408. ISSN 0102-7972

LOPES, Ana Lúcia Mendes and FRACOLLI, Lislaine Aparecida **Revisão sistemática de literatura e metassíntese qualitativa: considerações sobre sua aplicação na pesquisa em enfermagem.** *Texto contexto - enferm.*, Dez 2008, vol.17, no.4, p.771-778. ISSN 0104-0707. Acesso em 22 de maio de 2010 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400020&lng=pt&nrm=iso

MACÊDO, Virgílio César Dourado de and MONTEIRO, Ana Ruth Macêdo **Educação e saúde mental na família: experiência com grupos vivenciais.** *Texto contexto - enferm.*, Jun 2006, vol.15, no.2, p.222-230. ISSN 0104-0707. Acesso em 21 de maio de 2010 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000200005&lng=pt&nrm=iso

MOTA, Catarina Pinheiro and MATOS, Paula Mena **Apego, conflito e auto-estima em adolescentes de famílias intactas e divorciadas.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 2009, vol.22, no.3, p.344-352. ISSN 0102-7972

OLIVEIRA, M. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha and SILVA, Cláudia Maria **Nem só de pão vive o homem.** *Soc. estado.*, Dez 2006, vol.21, no.3, p.667-680. ISSN 0102-6992

PEROSA, Cleci Terezinha and PEDRO, Eva Neri Rubim **Perspectivas de jovens universitários da Região Norte do Rio Grande do Sul em relação à paternidade.** *Rev. esc. enferm. USP*, Jun 2009, vol.43, no.2, p.300-306. ISSN 0080-6234. Acesso em 27 de junho de 2010 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000200007&lng=pt&nrm=iso

PERUCCHI, Juliana and BEIRÃO, Aline Maiochi **Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família.** *Psicol. clin.*, Dez 2007, vol.19, no.2, p.57-69. ISSN 0103-5665

PONTES, Cleide Maria, ALEXANDRINO, Aline Chaves and OSÓRIO, Mônica Maria **O envolvimento paterno no processo da amamentação: propostas de incentivo.** *Rev. Bras. Saude Mater. Infant.*, Dez 2009, vol.9, no.4, p.399-408. ISSN 1519-3829. Acesso em 27 de junho de 2010 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292009000400003&lng=pt&nrm=iso

RELVAS, Ana Paula. **O Ciclo Vital da Família: perspectiva sistêmica.** 2 ed. Porto: Afrontamento, 2000.

SANTOS, Tania Steren dos. **Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para a pesquisa social.** *Sociologias*, Dez 2009, no.22, p.120-156. ISSN 1517-4522

SILVA, Simone Souza da Costa et al. **Rotinas familiares de ribeirinhos amazônicos: uma possibilidade de investigação.** *Psic.: Teor. e Pesq.*, Jun 2010, vol.26, no.2, p.341-350. ISSN 0102-3772

SOUZA, Carmen Lúcia Carvalho de and BENETTI, Silvia Pereira da Cruz **Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007.** *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Abr 2009, vol.19, no.42, p.97-106. ISSN 0103-863X. Acesso em 27 de junho de 2010 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2009000100012&lng=pt&nrm=iso

TIBA, Içami **Família de alta performance: conceitos contemporâneos na educação.** *Integrante Editora*, 2009.